

## MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

José Eustáquio Diniz Alves<sup>1</sup>

*A nova etapa do capitalismo empurrou-nos  
irreversivelmente para a Pós-Modernidade<sup>2</sup>*

Podemos demarcar o início da modernidade a partir das mudanças sociais, econômicas e culturais decorrentes do declínio do feudalismo, há cerca de 5 séculos, do ressurgimento das cidades, mudanças nas relações de trabalho e de produção e gradual deslocamento de saberes religiosos e baseados na tradição - que até então ocupavam lugar central - substituídos pelo conhecimento científico. Outro ponto fundamental da modernidade é o fortalecimento do Estado-nação e da Soberania Nacional.

Para Max Weber (1864-1920), a modernidade surge com a racionalização científica, para a qual teve papel destacado o Renascimento, e com o “desencantamento do mundo”, para o qual contribuiu em muito a Reforma Protestante. O desenvolvimento da cultura moderna teria sofrido, na visão de Weber, uma influência causal significativa do *ethos* racional da conduta da vida existente nas concepções protestantes, que trouxe os rigores da ascese, presente no mundo católico, para os costumes do mundo. Para os protestantes, a vocação humana estaria em cumprir as tarefas seculares, impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo. A conduta ética sistematizada, metodicamente racionalizada, teria influenciado o planejamento racional da vida moderna.

Segundo Marshal Berman<sup>3</sup> a história da modernidade seria composta por períodos com grandes variações e nuances, uma história de ambiguidade e descontinuidades. Ele propõe que esses 500 anos do período moderno sejam subdivididos em três fases principais: a) com o início do século XVI até o fim do século XVIII e, ainda que represente o começo de uma experiência de vida já moderna, é uma modernidade em estágio embrionário, uma modernidade que ainda não se sabe modernidade; b) com o início no período próximo a Revolução Francesa, quando se pode dizer, segundo o autor, que pela primeira vez um grande e moderno público partilha o sentimento de viver uma mesma experiência – viver em uma era revolucionária. Esse homem moderno ainda não o é inteiramente porque tem o coração dividido. Ainda sabe bem o que era viver num mundo não-moderno. É um homem que vive em dois mundos a um só tempo; c) surgiria com o século XX, com a expansão do processo de modernização que chega a abarcar virtualmente todo o mundo. Esse “compartilhar” uma experiência, vivência e sentimentos comuns chega aqui a seu ápice em termos de extensão do movimento.

---

<sup>1</sup> Professor titula da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE. Tel. 21 2142 4689.  
E-mail: [jed\\_alves@yahoo.com.br](mailto:jed_alves@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo: a lógica do capitalismo tardio. São Paulo, Ática, 1996

<sup>3</sup> BERMAN, M. Tudo o que é sólido desmancha no ar. Companhia das Letras, São Paulo: 1996.

David Harvey<sup>4</sup> vê a pós-modernidade surgindo da transformação do moderno sistema de produção em massa, em especial a transformação para a “acumulação flexível” como uma nova forma de operação do capitalismo e do mercado financeiro. Para ele a mudança cultural mais importante da transformação do fordismo para a acumulação flexível é a “compressão espaço-tempo”. Nos últimos 500 anos o espaço global tem mudado, assim como a noção de tempo, como mostra estas 4 épocas do transporte: a) de 1500-1840: a velocidade média das carruagens e dos navios à vela era de 16 km/h; b) de 1850-1930 a velocidade média dos navios à vapor e das locomotivas era de 57 a 100 km/h, respectivamente; c) nos anos 1950, os aviões à hélice tinham velocidade de 480-640 km/h; d) nos anos 1960 os aviões a jato tinham velocidade de 800-1100 km/h. Isto significa que o mundo moderno ficou “menor”. Na pós-modernidade a compressão espaço-tempo se torna maior e, até mesmo instantânea, para as telecomunicações e o mercado financeiro, que movimentam bilhões de dólares virtualmente. Assim, a notícia do assassinato do presidente Lincoln, em 1865, levou 13 dias para chegar à Europa, mas as imagens dos primeiros ataques americanos ao Iraque, em 2003, levaram menos de 13 segundos para cruzar o mundo.

Para Anthony Giddens<sup>5</sup> a modernidade refere-se às instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto. Ele considera a modernidade, essencialmente, uma ordem pós-tradicional com as seguintes características: a) *“Separação de tempo e espaço: a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais; b) Mecanismos de desencaixe: consistem em fichas simbólicas e sistemas especializados (em conjunto = sistemas abstratos). Mecanismos de desencaixe separam a interação das particularidades do lugar; c) Reflexividade institucional: o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação”* (p. 26). Ele chama a atenção para “a dialética do local e do global” e para as características unificadoras e desagregadoras da “alta modernidade”.

Segundo Alain Touraine<sup>6</sup>, as duas categorias fundantes dos tempos modernos seriam a de Racionalidade e de Subjetividade, categorias aparentemente contraditórias, mas que, como o Renascimento e a Reforma, se completam mutuamente. O ser humano se propõe a avançar com a cientificidade e a racionalidade objetiva, mas também faz questão de afirmar-se enquanto sujeito, que tem a sua subjetividade. Com a Revolução Francesa o ideário – Liberdade, Igualdade e Fraternidade - se afirma e a idéia de direitos individuais vai, a partir da declaração universal dos direitos do homem e do cidadão, se tornar inquestionável. Para Touraine *“a razão e o Sujeito, que podem realmente unir-se, e que o agente desta união é o movimento social, isto é, a transformação da defesa pessoal e cultural do Sujeito em ação coletiva dirigida contra o poder que submete a razão aos seus interesses (...) A modernidade é refratária a todas as formas de totalidade, e é o*

---

4 HARVEY, David. The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change. Cambridge, MA: Blackwell, 1990.

5 GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

6 TOURAINE, Alain. Crítica da modernidade. Petrópolis, Vozes, 1994.

*diálogo entre a razão e o Sujeito, que não pode ser rompido nem terminado, que mantém aberto o caminho da liberdade” (p. 394).*

Dos inícios da modernidade para a alta modernidade, uma nova realidade se descortina. Para Terry Eagleton,<sup>7</sup> novos conceitos como desterritorialização, pós-fordismo, acumulação flexível, a incerteza como marca fundamental de nosso tempo-espaço, a globalização e o enfraquecimento do Estado-Nação surgem como características da pós-modernidade e de uma nova forma de capitalismo - para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da Indústria Cultural, na qual as indústrias de serviço, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional, e a política clássica de classes, cede terreno a uma série difusa de "políticas de identidade".

Não é objetivo deste texto abordar o pós-modernismo enquanto crítica pós-estruturalista que vê o niilismo irracional e a decadência brotarem nas sociedades pós-industriais dominadas pela tecnociência, pela programação, que são a própria racionalidade na produção, no trabalho, na burocracia e até no cotidiano. O choque entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais já se esboçava no mundo moderno e industrial. Na atualidade pós-moderna, ele fica mais agudo. Os filósofos pós-modernos, tais como, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, François Lyotard, Jean Baudrillard desejam revelar sua falsidade e sua responsabilidade nos problemas atuais. Para isso, eles lutam em duas frentes: a) Desconstrução dos princípios e concepções do pensamento ocidental - Razão, Sujeito, Ordem, Estado, Sociedade etc; b) Desenvolvimento e valorização de temas antes considerados menores ou marginais em filosofia: desejo, loucura, sexualidade, linguagem, poesia, sociedades primitivas, jogo, cotidiano.

A pós-modernidade é um termo polissêmico. Porém, nossa linha de argumentação vai mais no sentido definido por Siqueira: *“Trabalho a pós-modernidade com base nas análises de Fredrick Jameson e, portanto, entendo-a como a terceira fase do capitalismo, apresentada no esquema de Ernest Mandel como capitalismo tardio. Não se limita às áreas de literatura, arquitetura e artes plásticas, mas é ‘uma realidade genuinamente histórica (e socioeconômica)’. Desnecessário seria então dizer que a pós-modernidade é uma formação histórica capitalista, e como tal, numa visão crítica e dialética, é permeada de contradições produtivas e não-produtivas. Se existe algum absurdo ou contradição, estes fazem parte deste contexto histórico, que se nega a canalizar os avanços da tecnociência para diminuir a polarização da condição humana”*<sup>8</sup>.

É neste contexto da pós-modernidade que Hardt e Negri<sup>9</sup> defendem suas três teses essenciais: a) a primeira: que o tempo do imperialismo passou, e que deu origem a uma nova forma de poder em rede mundial, a que se denomina Império; b) a segunda: que o capitalismo se desenvolveu, expandindo-se na mercantilização de múltiplas formas de relação social, através do que se denomina biopolítica - toda a vida é mercado; c) a terceira: está a surgir um novo protagonista, um sujeito social decisivo para a transformação mundial, que é a multidão.

---

7 EAGLETON, Terry. *As ilusões do Pós-Modernismo*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

8 SIQUEIRA, Holgosi S. G., *Jornal A Razão*, 30 de maio de 2002.

9 HARDT, M. NEGRI, A. **Império**. Editora Record, Rio de Janeiro e São Paulo, 2002.

A nova configuração mundial é vista assim por Castells: *“Um novo mundo está tomando forma neste fim de milênio. Originou-se mais ou menos no fim dos anos 60 e meados da década de 70 na coincidência histórica de três processos independentes: revolução da tecnologia da informação; crise econômica do capitalismo e do estatismo e a conseqüente reestruturação de ambos; e apogeu de movimentos sociais culturais, tais como libertarismo, direitos humanos, feminismo e ambientalismo. A interação entre esses processos e as reações por eles desencadeadas fizeram surgir uma nova estrutura social dominante, a sociedade em rede; uma nova economia, a economia informacional/global; e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real. A lógica inserida nessa economia, nessa sociedade e nessa cultura está subjacente à ação e às instituições sociais em um mundo interdependente”*<sup>10</sup> (p.412).

Para Rouanet<sup>11</sup>, a modernidade está em crise, pois estamos vivendo o fim de um modelo civilizatório. Para o autor, o projeto civilizatório da modernidade tem como base três conceitos: a) universalidade; b) individualidade; c) autonomia. Porém, o universalismo está sendo sabotado por uma proliferação de particularismos; a individualidade submerge no anonimato do conformismo e do consumismo; e a autonomia está sendo ameaçada pelo reencantamento do mundo (religiões, esoterismo, fundamentalismo, etc.) e pela heteronomia. Para ele, a crise da modernidade é tanto do capitalismo, quanto do socialismo: *“Como a civilização que tínhamos perdeu sua vigência e como nenhum outro projeto de civilização aponta no horizonte, estamos vivendo, literalmente, num vácuo civilizatório. Há um nome para isso: barbárie. Pois o bárbaro, sem nenhum juízo de valor, no sentido mais neutro e mais rigoroso, é aquele que vive fora da civilização. Diante disso, há três reações possíveis. Podemos deixar em paz os bárbaros, sem infernizar-lhes a existência com valores civilizados. Podemos partir para um modelo civilizatório antimoderno, que represente em tudo a antítese do projeto de modernidade. E podemos repensar a modernidade, em busca de uma alternativa neomoderna”* (pp. 11-12).

Rouanet clama por uma civilização neomoderna iluminista. Para o iluminista, o bárbaro não é o estrangeiro, mas sim o sem razão, ignorante. Assim a barbárie está em todos os lugares e entre as diversas forças sociais, tanto na direita, quanto na esquerda. Portanto, para o autor, a solução seria: *“Iluminismo ou barbárie – é preciso escolher antes que outros escolhem por nós”* (p. 45).

Sem dúvida o mundo do início do século XXI apresenta uma complexidade muito maior do que a existente em tempos anteriores. Seria até irresponsabilidade ignorar a nova realidade que vem se reconfigurando, especialmente nas duas últimas décadas. É preciso se discutir coletivamente uma alternativa social nestes tempos de incerteza e perplexidade.

Boaventura Santos propõe uma ação de abrangência global com legitimidade local. Ele considera que os direitos humanos têm de ser reconceitualizados como multiculturais,

---

<sup>10</sup> CASTELLS, M. Fim de milênio. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

<sup>11</sup> ROUANET, Sérgio Paulo. Mal-estar na modernidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

para poderem operar como forma de cosmopolitismo, como globalização de-baixo-para-cima ou contra-hegemônica: *“O multiculturalismo, tal como eu o entendo, é pré-condição de uma relação equilibrada e mutuamente potenciadora entre a competência global e a legitimidade local, que constituem os dois atributos de uma política contra-hegemônica de direitos humanos no nosso tempo”*.

Segundo Castells, o século XXI não será uma era de trevas, mas para a maioria das pessoas não trará as recompensas prometidas pela revolução tecnológica mais extraordinária da história. Porém, não existe mais “Palácio de Inverno” para ser tomado e sim palácios imateriais feitos de redes de comunicação e fluxos de informação. A mensagem dele é a seguinte: *“Não existe nada que não possa ser mudado por ação social consciente e intencional, munida de informação e apoiada em legitimidade. Se as pessoas forem esclarecidas, atuantes e se comunicarem em todo o mundo; se as empresas assumirem sua responsabilidade social; se os meios de comunicação se tornarem os mensageiros, e não a mensagem; se os atores políticos reagirem contra a descrença e restaurarem a fé na democracia; se a cultura for reconstruída a partir da experiência; se a humanidade sentir a solidariedade da espécie em todo o globo; se consolidarmos a solidariedade intergeracional, vivendo em harmonia com a natureza; se partirmos para a exploração de nosso ser interior, tendo feito as pazes com nós mesmos. Se tudo isso for possibilitado por nossa decisão bem informada, consciente e compartilhada enquanto ainda há tempo, então, talvez, finalmente possamos ser capazes de viver, amar e ser amados”*<sup>12</sup>.

Já Hardt e Negri convocam a multidão para construir um contra-Império, a partir do esforço interno, pois é preciso "empurrar através do Império para sair pelo outro lado". Propõem assim a unificação entre o novo sujeito, a multidão, e o seu objeto, a libertação cosmopolita na pós-modernidade. Dentre os métodos estão: a deserção da soberania por via do nomadismo, a emigração da "multidão móvel para alcançar a cidadania global".

---

12 CASTELLS, M. Fim de milênio. São Paulo, Paz e Terra, 1999, p. 437.